

EDITORIAL

Referência
REVISTA DE ENFERMAGEM | JOURNAL OF NURSING

2020 Ano Internacional do Enfermeiro: e depois?

Jamais, como nos últimos meses, ouvimos falar com tanta frequência e ênfase sobre os enfermeiros, ou se deu voz aos próprios. Notícias, entrevistas, documentários. Louvores e palmas. Como se subitamente tivesse havido uma tomada de consciência coletiva de que os enfermeiros existem e, novidade, são até estruturais nos serviços de saúde.

Da extraordinária descoberta de um Primeiro-Ministro de que os enfermeiros nos cuidados intensivos estão presentes, atentos a cada mudança no estado do doente, intervindo conforme necessário, fazendo a diferença na vida (e na morte) das pessoas, ao telefonema de um Presidente da República ao enfermeiro nomeado, é quase ofensiva a surpresa e o manifesto desconhecimento geral acerca da enfermagem.

Tudo na pandemia da COVID-19 tem servido para falar de enfermeiros. De enfermeiros, sim. Casos particulares. Mas pouco dos enfermeiros e da enfermagem. Como se fossem exceções os que com profissionalismo, competência e dedicação (perdoem a redundância) exercem, todos os dias, a sua função de cuidar de outros.

Mas não tenhamos ilusões. Os enfermeiros sempre lá estiveram, na dita *linha da frente* e sabem-no bem todos os que contactam frequentemente com os serviços de saúde ou já tiveram necessidade de serem cuidados. O que acontece é que os *media* se viram forçados, na fase *quente* da epidemia na Itália e na França, a buscar notícia no papel dos profissionais de saúde. E, *guess what?* Tropeçaram nos enfermeiros, porque eles estão em toda a parte. Mostraram exemplos da sua coragem expondo-se mesmo sem acesso a equipamento de proteção, da sua compaixão, do seu sacrifício em manter a distância da família, da sua exaustão. Homenagens silenciosas aos colegas que morreram contaminados e aos que não aguentaram a pressão emocional. Mas isso não basta para manter elevada a autoestima de uma profissão habituada a trabalhar na sombra.

Terá essa cobertura permitido à generalidade dos cidadãos, verdadeiramente, ficar a saber o que é um enfer-

2020 International Year of the Nurse: what next?

Never before had we heard about nurses or heard the voice of nurses themselves as frequently and emphatically as in the past few months. News, interviews, documentaries, praises, applauses. Suddenly, it seems as if there is a collective awareness that nurses exist and, surprise, they are even an essential component of health services. From a Prime-Minister's extraordinary discovery that intensive care nurses are present and attentive to changes in the patient's condition, acting as needed, making a difference in people's life (and death) to the phone call from a President of the Republic to a nurse, the astonishment and the overall lack of knowledge about nursing are almost offensive.

Everything in the Covid-19 pandemic has been used to talk about nurses. Yes, about nurses. Individual cases. But very little about the nurses or the nursing profession. As if those who care for others everyday with professionalism, competence, and dedication (forgive me the redundancy) were exceptions.

But let there be no illusions. Nurses have always been there, in the so-called front-line, as all of those who often contact with the health services or have ever required being cared for know well. What happens is that the media have been forced, at the peak of the epidemics in Italy and France, to look for news among the health professionals. And guess what? They have stumbled upon nurses because they are everywhere. They showed examples of their courage, exposing themselves even when they had no protective equipment, their compassion, their sacrifice in living away from their families, their burnout. Silent tributes to colleagues who died from the infection and to those who could no longer cope with the emotional burden. But that is not enough to keep the self-esteem of a profession used to working in the shadow.

Did that coverage allow most of the population to truly understand what it means to be a nurse? Do they know that you are required a professional license to practice Nursing? That the licence to practice is awarded by an



meiro? Saberão que é um profissional que tem que ter uma *licença* para poder exercer a sua profissão? Que esta *licença* consiste na atribuição do título profissional de enfermeiro por uma Ordem Profissional? Que para ter acesso ao título é necessário, em Portugal como na maioria dos países, ter uma licenciatura em Enfermagem? Que esse grau académico de licenciatura é conferido por uma instituição de ensino superior após o mínimo de 3 a 4 anos de formação? Que essa instituição tem que seguir diretivas nacionais e europeias que permitam que os seus cursos sejam acreditados em Portugal e reconhecidos no estrangeiro? Saberão que os enfermeiros são a *espinha dorsal* do sistema de saúde? De qualquer sistema de saúde, em qualquer parte do mundo? E, todavia, saberão quanto ganha, hoje, em Portugal, um enfermeiro ao fim de 20 anos de profissão? Terá esta pandemia envergonhado, ou pelo menos feito pensar, os que se indignaram quando há 1 ano atrás os enfermeiros se fizeram ouvir por reivindicarem os seus direitos? Terão esses mesmos batido palmas à varanda? Ou precisado entretanto de cuidados de enfermagem?

As manifestações de solidariedade para com os profissionais de saúde foram fortemente noticiadas mas a sua valia começa já a cair no esquecimento. Assim parece indicar a resposta às manifestações dos profissionais em França.

Mas acompanhemos a ainda favorável vaga.

Nem de propósito, estamos em 2020, ano que a Assembleia Mundial da Saúde, que reúne os responsáveis da saúde das Nações, determinou ser Ano Internacional do Enfermeiro e da Parteira. Ano em que se celebra o centenário do nascimento de Florence Nightingale, visionária da Enfermagem. Ano do culminar da campanha *Nursing Now*, apoiada pelo Conselho Internacional de Enfermeiros e Organização Mundial de Saúde. Uma campanha que quer chamar a atenção da sociedade e, particularmente dos governantes de todo o mundo, para o triplo impacto do investimento na Enfermagem: melhorar a saúde das pessoas, promover a igualdade de género e sustentar o crescimento económico - a este respeito remeto para a leitura atenta do consistente Editorial de Jane Salvage, redatora do relatório *Triple Impact*, publicado no número 17 de 2018 desta Revista.

É uma evidência que não existe desenvolvimento económico e social, e sobretudo humano, sem uma população saudável. E é igualmente sabido que a saúde das populações está correlacionada com o desenvolvimento social e económico da sociedade em que vivem. A Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro passado, reafirmou a saúde como um direito humano e a Cobertura Universal de Saúde como uma estratégia fundamental para alcançar os objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A saúde das pessoas requer, pois, o acesso a um sistema de saúde universal sustentável e sustentado. Fica bem patente o que acontece face a uma emergência sanitária, quando os serviços de saúde, mesmo os melhores, funcionam no limite das suas capacidades e são sujeitos à brutal pressão do aumento súbito da procura de cuidados agravada pelo medo, estigma e desinformação. Mesmo em países como

independent professional body? Do they know that in Portugal, as in most countries, to have that licence you must hold an academic degree in Nursing? That this degree is granted by a higher education institution after at least 3 or 4 years of studies? Do they know that these institutions must follow national and European guidelines so that their programmes are accredited in the country and recognized abroad? Do they know that nurses are the backbone of the health system? Of any health system, anywhere in the world? And yet, do they know how much a nurse earns today in Portugal after 20 years in the profession? Did this pandemic embarrass those who expressed their indignation a year ago against the nurses who stood up for their rights or at least has it made them reflect upon it? Did those people applaud nurses from their balconies? In the meantime, did those people require nursing care?

The expressions of solidarity towards health professionals have hit the headlines time and again, but their worth is being forgotten – or so the response to the professionals' protests in France seem to suggest.

But let us ride this yet favourable wave.

By coincidence, the World Health Assembly, comprising the health delegates from WHO Member States, has designated 2020 the International Year of the Nurse and the Midwife. This year also marks the 200th anniversary of Florence Nightingale, a Nursing visionary. It is also the culmination of the Nursing Now campaign, supported by the International Council of Nurses (ICN) and the World Health Organization (WHO). A campaign intended to make society, and particularly the leaders of the world, aware that strengthening nursing will have the triple impact of improving health, promoting gender equality and supporting economic growth. In this regard, I encourage you to read the consistent editorial by Jane Salvage, adviser in the Triple Impact report, which was published in this Journal's 17th edition, in 2018.

There is indeed no economic and social, and more importantly human development without a healthy population. It is also known that the health of a population is associated with the social and economic development of the society in which they live. Last September, the General Assembly of the United Nations reaffirmed health as a human right and Universal Health Coverage as a key strategy for achieving the goals of the 2030 Agenda for Sustainable Development.

Therefore, health requires universal access to sustainable health systems. It is clear what can happen in case of a health emergency, even to the best health services in the world, when they are operating at the limits of their capacity and become under strain due to the sudden increase in healthcare demands. This situation is aggravated by fear, stigma, and misinformation, even in countries such as ours, which is not that bad on the global picture. With no cushion to respond to an exceptional situation, everything else must stop, at the expense of delaying the diagnosis of potentially life-threatening diseases, the urgent treatment of severe conditions, the monitoring of chronically ill patients, or the drastic reduction of preven-



o nosso, que não está mal na fotografia global. Sem folga que permita acomodar uma situação excepcional, tudo o resto tem que parar, a expensas do atraso no diagnóstico de doenças potencialmente fatais, no tratamento urgente de patologias graves, no acompanhamento dos doentes crónicos, na redução drástica das medidas de prevenção. Consequências? A mortalidade direta junta-se a mortalidade indireta e os anos de vida perdidos por doenças preveníveis ou tratáveis (como outras epidemias no passado recente já mostraram).

Mas o direito à saúde é inseparável do direito dos profissionais de saúde (não apenas enfermeiros) a condições de trabalho dignas e a uma remuneração justa. Numa profissão que constitui 59% de todos os trabalhadores da saúde e em que, do total de 28 milhões de enfermeiros, mais de 24 milhões são mulheres, abundam o preconceito de género, de classe, as desigualdades de tratamento (World Health Organization [WHO], 2019) e até o assédio. Até 38% dos profissionais de saúde sofrem, em algum momento das suas carreiras, de agressão física (mais ainda de agressão verbal) e os mais atingidos são os enfermeiros (WHO, 2014). Os mesmos que carregam o excesso de trabalho resultante do insuficiente e/ou mal distribuído número de enfermeiros em serviços cronicamente subdotados. Reconhecimento, redistribuição, recompensa pelo seu trabalho, é o apelo da Diretora Executiva da *United Nations Programme on HIV/AIDS* (UNAIDS; https://www.youtube.com/watch?v=g0ckI027L_g&feature=youtu.be).

O que esta pandemia veio mostrar é que não há, afinal, senhores do mundo capazes de tudo controlar. Este é o momento para investir nos sistemas de saúde, nos cuidados de saúde primários e na prevenção, na articulação entre o setor da saúde e o setor social, na investigação e inovação em saúde, nos profissionais de saúde. Estes já deram provas e mostraram a sua resiliência mas é a vez dos governos tornarem os sistemas de saúde igualmente resilientes para enfrentarem outras ameaças, sem deixarem de proteger a saúde das pessoas. Porque não sabemos qual será a próxima crise: os efeitos das alterações climáticas? Outra pandemia? Que outras guerras terão as nossas sociedades que travar?

As instituições líderes da Enfermagem, nomeadamente o *International Council of Nurses* (ICN), o *International Council of Midwives* (ICM) e a Rede Global de Centros Colaboradores da OMS em Enfermagem e Obstetrícia têm demonstrado uma grande capacidade de resposta imediata face à pandemia no estabelecimento de prioridades, e na produção de recomendações e recursos educacionais. E reiteram o compromisso de trabalhar para concretizar objetivos que não são de hoje:

- Assegurar uma força de trabalho em enfermagem qualificada, atualizada e motivada;
- Otimizar o desenvolvimento de políticas, as lideranças efetivas, a gestão e a governação;
- Maximizar a colaboração interprofissional para que enfermeiros e parteiras trabalhem até ao limite das suas competências, rentabilizando o investimento efetuado na sua formação em benefício dos cidadãos e das comunidades;

What are the consequences? To the direct mortality, we must add the indirect mortality and years of life lost due to preventable or treatable diseases (like previous epidemics in the recent past have shown).

However, the right to health goes hand in hand with the health professionals' right (not only nurses) to decent working conditions and fair wages. In a profession which represents 59% of all health workers and in which 24 million of the 28.5 million nurses and midwives globally are women, bias based on gender and social class, inequality in treatment (WHO, 2019), and even harassment abound. Up to 38% of health professionals are, at some point in their careers, victims of physical abuse (even more of verbal abuse), and the most affected are nurses (WHO, 2014). The same professionals who are overworked due to the insufficient and/or poor distribution of nurses in chronically understaffed services. Recognition, redistribution, and reward of their work is the call of the Executive Director of the Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS; https://www.youtube.com/watch?v=g0ckI027L_g&feature=youtu.be).

What this pandemic has shown is that, after all, there are no lords of the world capable of controlling everything. Now is the time to invest in health systems, primary care, disease prevention, the link between the health and social sectors, research and innovation in health, and health professionals. The latter have already proven to be resilient, but now it is the governments' turn to make health systems equally resilient to face other threats while continuing to protect people's health. Because we do not know what the next crisis will be: the effects of climate change? Another pandemic? What other wars will our societies have to fight?

The institutional leaders in Nursing, namely the ICN, the International Council of Midwives (ICM), and the WHO Collaborating Centers for Nursing and Midwifery have been very effective in the immediate response to the pandemic, setting priorities and designing guidelines and educational resources. They have also reconfirmed the commitment to accomplish objectives that are not new:

- To ensure an educated, competent, and motivated nursing and midwifery workforce;
- To optimize policy development, effective leadership, management and governance;
- To maximize interprofessional collaboration so that nurses and midwives work to their full potential, capitalizing on the investment made in their training for the benefit of citizens and communities;
- To mobilize political will to invest in building effective evidence-based nursing and midwifery workforce development (WHO, 2016).

The recently published first report on the State of the World's Nursing restates that every cent spent on nursing has a social and economic return, and provides the evidence necessary to political decision-makers to invest in education, employment, leadership, and participation of nurses in policy-making (WHO, 2020).

The last few lines of this text are written immediately after a three-day Triad meeting between WHO, ICN, ICM,



Mobilizar a vontade política de investir no desenvolvimento de uma força de trabalho em enfermagem, com base na evidência (WHO, 2016).

O recentemente publicado primeiro relatório sobre a situação da enfermagem no mundo reafirma que cada cêntimo gasto com a enfermagem tem um retorno social e económico, fornecendo a evidência necessária aos decisores políticos para investirem na educação, no emprego, e na liderança e participação dos enfermeiros na definição das políticas (WHO, 2020).

As últimas linhas deste texto são escritas imediatamente após uma reunião tripartida de três dias entre a OMS, o ICN, o ICM, e os *Government Chief Nursing Officers*, na qual os centros colaboradores da OMS foram convidados a participar com estatuto de observador. Mais de quinhentas pessoas de todas as regiões do mundo, reunidas em quadradinhos no ecrã. Aguardando a finalização da declaração, a uma só voz, global, de enfermeiros e parteiras, quero acreditar que ela irá expressar uma certeza e uma determinação comuns: a de que é hora de cuidar de quem cuida, para que possamos, todos, ser cuidados.

Referências bibliográficas

- World Health Organization. (2014). *WHO: Framework guidelines for addressing workplace violence in the health sector*. Geneva, Switzerland: Author.
- World Health Organization. (2016). *Global strategic directions for strengthening nursing and midwifery 2016–2020*. Geneva, Switzerland: Author.
- World Health Organization. (2019). *Delivered by women, led by men: A gender and equity analysis of the global health and social workforce*. Retrieved from <http://www.who.int/hrh/resources/health-observer24/en/>
- World Health Organization. (2020). *State of the World's Nursing Report - 2020*. Geneva, Switzerland: Author.

Ananda Fernandes
Diretora do Centro Colaborador da OMS para a
Prática e Investigação em Enfermagem
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
Portugal

and the Government Chief Nursing Officers, in which WHO Collaborating Centers were invited to participate as observers. More than 500 people from every region of the world were gathered in little squares on the screen. As I wait for the final declaration of nurses and midwives speaking with one global voice, I wish to believe that it will convey a message of shared certainty and determination: that the time has come to care for those who care for others, so that we all may be cared for.

References

- World Health Organization. (2014). *WHO: Framework guidelines for addressing workplace violence in the health sector*. Geneva, Switzerland: Author.
- World Health Organization. (2016). *Global strategic directions for strengthening nursing and midwifery 2016–2020*. Geneva, Switzerland: Author.
- World Health Organization. (2019). *Delivered by women, led by men: A gender and equity analysis of the global health and social workforce*. Retrieved from <http://www.who.int/hrh/resources/health-observer24/en/>
- World Health Organization. (2020). *State of the World's Nursing Report - 2020*. Geneva, Switzerland: Author.

Ananda Fernandes
Ditector, WHO Collaborating Centre for
Nursing Practice and Research
Nursing School of Coimbra
Portugal

